

# IMPRESSÕES DO SAGRADO: ESTUDO DE UMA COLEÇÃO PRIVADA DE REGISTOS DE SANTOS

**Teresa Lança Ruivo**

*Mestre em Estudos do Património/ Biblioteca Nacional de Portugal*  
tlanca@bnportugal.pt

## RESUMO

Este artigo tem por base a investigação que realizámos acerca da forma e conteúdo da coleção de registos de santos, reunida por D. Gabriel de Sousa (1912-1997).

D. Gabriel de Sousa organizou a sua coleção seguindo modelos de organização semelhantes aos utilizados por Luís Chaves e por Ernesto Soares nas coleções de registos de santos do Museu Nacional de Arqueologia e da Biblioteca Nacional de Portugal permitindo-nos explorar as vertentes socio-antropológica, artística e patrimonial da coleção e cuja interpretação nos poderá auxiliar a entender melhor o colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

## PALAVRAS-CHAVE

**Coleção | Registos de Santos | Organização de Coleções**

## ABSTRACT

This article is based on a research conducted about the form and content of the collection of records of saints gathered by D. Gabriel de Sousa (1912-1997).

D. Gabriel de Sousa organized his collection following models of organization similar to those used by Luís Chaves and Ernesto Soares in the collections of records of saints of the Museu Nacional de Arqueologia (Archeological National Museum) and Biblioteca Nacional de Portugal (National Library of Portugal) allowing us to explore the social-anthropological, artistic and heritage aspects and whose interpretation may help us better understand Portuguese art collecting, in the private sphere of the first half of the twentieth century.

## KEYWORDS

**Collection | Records of Saints | Organizing Collections**

## INTRODUÇÃO

A coleção de registos de santos foi reunida por D. Gabriel de Sousa ao longo da sua vida eclesiástica e civil não se conseguindo apurar as suas balizas temporais. Os registos gravados que a compõem chegaram até nós pela mão do seu atual proprietário, Eurico Malafaia, que colocou o conjunto à nossa total disposição para que pudéssemos efetuar a sua inventariação e aprofundar todas as relações que pudessem existir entre a tipologia da coleção com outras da mesma temática; para que pudéssemos estudar as suas principais características; e para que verificássemos a sua importância antropológica e patrimonial.

No entanto, realçamos que neste artigo pretendemos descrever a forma em como o conjunto de registos foi reunido e assumimos que o proprietário original tenha seguido os modelos de organização e de descrição da coleção de registos de santos realizados por Luís Chaves e por Ernesto Soares tanto na coleção de Aníbal Fernandes Tomás adquirida por José Leite Vasconcelos, propriedade do Museu Nacional de Arqueologia, como da coleção de registos de santos de Elviro dos Santos integrada nos fundos iconográficos da Biblioteca Nacional de Portugal, respetivamente.

Para a caracterização desta coleção e descrição da sua arqueologia foram essenciais os estudos

realizados sobre a importância social, antropológica e patrimonial dos registos de santos por Luís Chaves e Ernesto Soares; a investigação de Miguel Faria sobre a produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime, a reflexão feita por Maria José Goulão acerca da coleção pertencente à Sociedade Martins Sarmento, bem como, o estudo realizado por Joana Campelo que estabelece a relação próxima entre os registos de santos em suporte azulejar e os registos de santos gravados.

O estudo desta coleção também pretende responder a diversos problemas que nos foram surgindo ao longo do processo metodológico da investigação: principais influências na sua génese; o perfil do seu colecionador; e a importância patrimonial e artística desta coleção cuja informação contida foi sistematizada através de fichas de inventário individualizadas.

O estudo incidiu sobre oitenta e um registos retirados dos seis álbuns herdados por Eurico Malafaia que constituem o maior conjunto da coleção. Os critérios de seleção da amostragem foram os de abranger o maior número de artistas gravadores, de técnicas de impressão e de casas de comércio que representassem as principais preocupações do colecionador.

## OS REGISTOS DE SANTOS

### OS REGISTOS DE SANTOS: A SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL E ANTROPOLÓGICA

O significado social dos registos de santos estabelece-se ao longo da Idade Média e conhece o seu período áureo durante os séculos XVIII e XIX. Os registos de santos ou «estampas de devoção», segundo a classificação de Raczyński na sua obra «Diccionaire historique-artistique du Portugal», têm como origem

a obrigatoriedade de todos os cristãos fazerem uma peregrinação a Roma para obterem o perdão dos seus pecados através da compra de indulgências.

Nas romarias que substituíram parcialmente este ritual obrigatório, oromeiro devia fazer uma peregrinação anual ao seu santo padroeiro e protetor e deveria comprar uma estampa daquele como comprovativo dessa viagem espiritual. A estampa devia ser colocada num lugar visível e ser utilizada como objeto devocional, geralmente, aposta na capa ou no chapéu doromeiro durante a celebração da romaria

e durante o regresso ao lar. O ritual devia repetir-se anualmente. O culto das imagens de devoção foi muito divulgado através de festividades e peregrinações popularizando-se, assim, as estampas gravadas em suporte de papel, de cartão, de pergaminho ou de pano o que torna os registos de santos facilmente transportáveis e de grande acessibilidade financeira. A qualidade destas estampas, geralmente de pequena dimensão dependia da capacidade financeira do seu comprador, da qualidade dos seus autores e gravadores, e do facto do santo venerado ter um culto com maior ou menor número de devotos. Também concorre para a sua popularidade, o facto de serem um veículo primordial para a transmissão da mensagem pretendida para o grande público alfabetizado ou não.

Maria José Goulão considera que o significado dos registos de santos se torna mais evidente consoante a relação que estabelece com o seu público-alvo. Assim, a autora considera que a denominação dos registos de santos abrange, fundamentalmente, três subcategorias. O primeiro grupo compreende o registo de devoção cuja representação de temas religiosos concorre para a contemplação e para a oração. O segundo subtipo, funciona como uma proteção que permite a salvação da alma através da concessão de indulgências. Por último, no terceiro grupo seriam incluídas as estampas que garantem a proteção contra diversas calamidades e doenças, de forma preventiva.

O poder protetor e a relação íntima e afetuosa que o registo de santo estabelece com o seu detentor contribui para a sua conservação quer em formato avulso quer inseridos em pequenos oratórios. Atualmente, os registos de santos também conhecidos por «santinhos» continuam a integrar os rituais e cerimoniais da vida religiosa católica e se a sua função de proteção e de prevenção se encontra diluída, a de contemplação e de oração permanece, juntamente, com a de fruição e a do colecionismo revelando-se como importantes fontes documentais para a compreensão da dinâmica das festas religiosas, das interações sociais e para o entendimento da evolução das artes decorativas, nomeadamente, no campo da gravura.

## OS REGISTOS DE SANTOS: A GRAVURA COMO EXPRESSÃO POPULAR

Em Portugal, em meados do século XVIII, e em virtude da aposta de D. João V no desenvolvimento das artes decorativas portuguesas, na organização do ofício do gravador, com a fundação da primeira escola de gravura e com a vinda de artistas gravadores estrangeiros, observa-se o aumento da produção de registos de santos cuja venda se torna rentável tornando-se a sua aquisição possível de se fazer diretamente nas casas de venda ou nas casas editoras ou, ainda, pelos vendedores de rua.

A impressão de registos de santos segue um percurso histórico muito idêntico ao da restante gravura em Portugal como é demonstrado por diversos estudos nesta área das Artes Decorativas dos quais destacamos a monografia de Luís Chaves, publicada em 1927, «Subsídios para a História da Gravura em Portugal»; a publicação, de 1971, de Ernesto Soares sobre «História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras»; e a tese de doutoramento apresentada, em 2005, por Miguel Faria intitulada «A imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime».

Luís Chaves considera ser possível analisar nas diversas coleções de registos existentes e conhecidas em Portugal um grande conjunto de registos com características que se inserem na denominada gravura popular que se diferencia, segundo este autor, da gravura artística por serem de produção anónima e pela reutilização da mesma chapa adaptando-se o nome do santo à sua procura.

Já Miguel Faria alarga o conceito de estampa popular à análise que pode ser realizada sob diversos ângulos referentes à técnica de estampagem utilizada, ao seu consumo ou à temática abordada na gravura. O autor considera que esta denominação sobrepõe duas interpretações: a primeira relacionada com a incapacidade técnica do gravador e com a utilização de materiais de impressão de má qualidade que resultam em impressões de qualidade inferior à gravura artística; e a segunda já se encontra relacionada com o mercado amplo e abrangente dos vários grupos sociais a que este segmento de gravura se destina.

Os vários autores referem que o estudo das séries de imagens gravadas permitem muitas vezes identificar a tipologia dos seus clientes. Se alguns destes registos apresentam imagens e composições de elevada qualidade que só eram acessíveis a uma elite cultural e social, também muitas delas eram gravadas com uma imagem que se podia adaptar a qualquer tipo de invocação, como é possível verificar em vários registos da coleção de D. Gabriel de Sousa. O conhecimento desta situação ou da utilização da mesma chapa por vários editores ou confrarias também contribuem para a observação de mudanças na iconografia e práticas cristãs sendo uma importante fonte de conhecimento da sociedade que recorre a estas formas gráficas de representação religiosa.

## OS REGISTOS DE SANTOS: COLEÇÕES E PATRIMÓNIO

Em Portugal, o interesse pelo colecionismo acentua-se durante o século XIX, início do século XX com a fundação de diversos museus. Durante esse período que se prolonga até meados do século XX, verifica-se a existência de duas atitudes, em simultâneo, perante o ato de colecionar. Uns colecionavam por gosto e moda sem terem qualquer preocupação com o tratamento museológico dos objetos, mas outros chamavam a si essa preocupação chegando a editar relatórios sobre

projetos-lei que obrigavam ao tratamento museológico das várias coleções a cargo dos museus.

Esta preocupação é patente na obra de Joaquim de Vasconcelos (1849-1936), cuja coleção de gravuras foi adquirida por Francisco Martins Sarmiento com o propósito da sua doação à Sociedade Martins Sarmiento.

Acompanhando esta tendência, encontramos a coleção de registos de santos reunidos por Aníbal Fernandes Tomás, integrada no Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia. A coleção adquirida por Joaquim Leite de Vasconcelos a Aníbal Fernandes Tomás representa um manancial de informação etnográfica sobre a vida e hábitos cristãos da sociedade portuguesa bem como aporta informação referente à historiografia da gravura em Portugal como é referido na obra de Luís Chaves.

Relativamente à coleção doada por Alfredo Elviro dos Santos à Biblioteca Nacional de Portugal, o seu estudo, catalogação e conservação coube a Ernesto Soares, especialista em gravura portuguesa que a descreve detalhadamente e que a classifica em termos patrimoniais.

Coleções de registos de santos como as da Biblioteca Nacional de Portugal, do Museu Nacional de Arqueologia, da Sociedade Martins Sarmiento e do Museu Nacional de Arte Antiga, entre outras, confirmam o interesse patrimonial das coleções constituídas por esta tipologia de documento gráfico.

## A COLEÇÃO DE REGISTOS DE D. GABRIEL DE SOUSA

### CURIOSIDADE OU COLECIONISMO?

Para que possamos efetuar o exercício da classificação da coleção interessa-nos recordar a evolução do colecionismo em Portugal durante o início do século XIX e a forma como influenciou os modelos do colecionismo e dos museus durante o século XX. Este período de tempo é contemporâneo da coleção

em estudo e na sua organização encontramos muitas influências do modelo de organizacional da coleção de registos da Biblioteca Nacional de Portugal realizado por Ernesto Soares que por sua vez foi influenciado pelo modelo organizacional e de inventário seguido por Luís Chaves para a coleção do Museu Nacional de Arqueologia.

Na coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa é possível observarmos as três atitudes que

distinguem o curioso do colecionador, segundo João Alpuim Botelho. A preservação da coleção foi feita através da colocação dos registos colados em cartolinas pretas em álbuns pretos de duas argolas para impedir a sua perda; a inventariação foi realizada através da relação de registos que existem e de notas explicativas acerca do percurso de partes da coleção; e a classificação dos registos foi conseguida através da subdivisão dos registos entre o norte e o sul do país feita pelo colecionador e patente nas folhas datilografadas que intercalam os registos nos álbuns.

Ao aprofundarmos o conhecimento acerca desta coleção verificamos, também, que se trata de uma coleção vertical de uma só tipologia, com alguma dinâmica de saída uma vez que existe a

notícia de que partes da coleção foram oferecidas a outras instituições, como mais adiante faremos referência; e reunida por um colecionador de perfil conservador e erudito uma vez que verificamos o investimento do colecionador no estudo e na investigação desta coleção, seguindo a classificação de Luís Urbano Afonso.

A coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa é uma coleção especializada cujos conteúdos e aspeto formais seguem os modelos de colecionismo definidos em meados do século XX por grandes figuras da época, como Anastácio Gonçalves e Ricardo Espírito Santo, que influenciaram a organização e o tratamento museológico de diversas coleções de objetos e documentos gráficos pertencentes ao campo das Artes Decorativas.

## A COLEÇÃO DE REGISTOS DE D. GABRIEL DE SOUSA

Numa coleção existem campos de pesquisa obrigatórios. Esses campos abrangem a biografia do colecionador; o percurso da coleção (aglutinações, dispersões, doações, entre outras alterações à estrutura original); o método de organização da coleção que se traduz na perceção do eixo principal ao qual a coleção se subordina; e à arqueologia da coleção onde se faz a descrição material e numérica da coleção através de descrições ou de fichas de inventário.

Para descrevermos a amostra retirada do conjunto principal da coleção de registos de D. Gabriel de Sousa utilizámos a metodologia acima mencionada como se encontra descrito nos subcapítulos seguintes.

## O COLECIONADOR E O PERCURSO DA COLEÇÃO

D. Gabriel de Sousa (1912-1997) nasceu na Freguesia de Besteiros, concelho de Paredes, sendo eleito em 1948 para o cargo de Dom Abade de Singeverga.

Ao estudarmos os dados biográficos do colecionador, rapidamente constatamos que o gosto pela História é constante ao longo da sua vida. Talvez se encontre nesse gosto a razão pela qual D. Gabriel de Sousa iniciou a sua coleção de registos de santos.

Os seis álbuns herdados por Eurico Malafaia constituem o maior conjunto da coleção e a amostragem de oitenta e um registos para o estudo, foi retirada destes álbuns. No entanto, após pesquisa de alguns documentos pessoais de D. Gabriel de Sousa cedidos por Eurico Malafaia encontramos indícios e notícias de que a coleção foi dividida, pelo menos, em duas partes: os seis álbuns pertencentes a Eurico Malafaia e um conjunto de 108 registos entregue ao «Museu de Etnografia e História» no Porto.

A notícia desta entrega surge em forma de correspondência e de recibo emitido pelo «Museu de Etnografia e História» em que o diretor do museu agradece a doação de 108 registos que a coleção do Museu não dispunha e que diziam respeito ao distrito do Porto. Esta doação reflete a ideia subjacente da importância social e antropológica dos registos dos santos para a sociedade portuguesa.

## ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO

Apesar de colocarmos a hipótese de que na génese desta coleção pode estar um exercício de diletantismo relacionado com o gosto pessoal do colecionador pela História, reconhecemos o esforço que o seu proprietário colocou na sua organização e cuja interpretação nos poderá auxiliar a entender melhor

o colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

De forma similar ao procedimento que Ernesto Soares utilizou para dividir a coleção da Biblioteca Nacional de Portugal (invocações várias e invocações gerais), D. Gabriel de Sousa dividiu a coleção em duas áreas distintas, organizando-as por temas, autorias e invocações: registos artísticos e registos populares. Os registos encontram-se fixos em folhas de cartolina preta e a intercalá-las em intervalos irregulares encontram-se folhas dactilografadas pelo colecionador que identificam os autores, as invocações e as origens geográficas dos registos.

A página de rosto da coleção acondicionada nos álbuns tem como título «Coleção de Registos Portugueses» cujo texto existente diz respeito a notas históricas acerca das litografuras. Seguem-se duas folhas com dados biográficos dos artistas A.J. Silva, de João Macphail, de Dias da Costa e de J.S. Lima.

A segunda parte da coleção diz respeito às invocações locais que D. Gabriel de Sousa divide entre Lisboa e «outras terras». Dentro de cada uma destas regiões é feita a correspondência entre o local de culto e a invocação correspondente.

A terceira parte das folhas datilografadas diz respeito ao tema «O Registo na Arte e no Folclore». É neste momento que o colecionador nos indica quais os critérios que seguiu na ordenação da coleção.

Nestes textos redigidos por D. Gabriel de Sousa, verificamos o esforço de inventariar, classificar os registos de santos que constituem a sua coleção.

## ARQUEOLOGIA DA COLEÇÃO

Para procedermos à inventariação da amostra da coleção formada pelos oitenta e um registos desenhamos uma ficha de inventário que nos permitiu extrair informações acerca da coleção.

A identificação dos registos obedeceu a uma classificação normalizada cujos campos preenchidos não só respeitaram as particularidades da coleção mas, também, obedeceram às normas internacionais. Neste sentido, o desenho da ficha de inventário integrou

campos que se adequaram à especificidade dos registos de santos incluindo a letra da gravura à qual se adicionaram os campos em que se singulariza informação nela contida como a invocação e como a casa de comércio responsável pela venda do registo.

O modelo de base utilizado para o desenho da ficha de inventário foi o modelo disponibilizado pela Direção Geral do Património Cultural. Assim, atribuímos uma ficha geral de coleção que contém as informações que atribuem a denominação, a «super – categoria» e «categoria», os suportes e técnicas utilizadas, a origem da coleção e as exposições que a coleção integrou. E para cada registo atribuímos uma ficha de inventário individual em que foram contemplados os seguintes campos: invocação, inscrição, subscrição, autoria, gravador e impressor, casa de comércio com base no que Luís Chaves considera como um registo completo, suporte, técnica de impressão, dimensões em centímetros, estado de conservação, imagem e correspondência de cada registo desta coleção com os registos da coleção da Biblioteca Nacional de Portugal inventariados por Ernesto de Sousa, sempre que esta existia.

Quanto às fichas de inventário individualizadas destacamos a importância da correspondência entre os registos da coleção da Biblioteca Nacional de Portugal com os registos da coleção em estudo, o que atesta a preocupação do colecionador em adquirir registos de santos referenciados por investigadores especializados, existentes em coleções de elevado valor patrimonial e cuja descrição feita por Ernesto de Sousa corresponde, totalmente, com o registo da coleção de D. Gabriel de Sousa. Através do confronto com as descrições, realizadas por Ernesto Soares, no seu inventário das invocações, inscrições e subscrições foi possível identificar a proveniência e os autores de muitos registos de santos desta coleção. Também diferentes técnicas de gravação foram identificadas – técnica do buril, técnica da água-forte, xilogravura e fotogravura – representativas da diversidade reunida por D. Gabriel de Sousa na sua coleção.

## NÚMEROS

Na amostra da coleção de D. Gabriel de Sousa, o maior número de invocações corresponde ao culto mariano constituído por 49 registos, o que corresponde a cerca de 60% desta coleção.



Também verificámos, neste conjunto, que a maioria dos registos é de produção nacional (27%) e que 13% da coleção é constituída por registos cuja autoria se deve a artistas estrangeiros. Como fonte de informação consideramos o campo da subscrição e identificámos os autores socorrendo-nos das expressões convencionalmente utilizadas com esse objetivo. Apesar do número de gravadores nacionais identificados ser reduzido, reconhecemos a importância dos seus nomes na evolução da arte da gravura em Portugal o que eleva o valor patrimonial da coleção em estudo e revela conhecimento e pesquisa por parte do seu colecionador.

Após o levantamento realizado verifica-se que a maior parte dos registos eram comercializados em Lisboa e que as casas comerciais referidas também são referenciadas pelos investigadores – Luís Chaves,

Ernesto Soares e Miguel Faria – nas suas obras.

O corpo principal dos registos de santos é identificado como sendo água-forte e água-forte com buril. Conseguimos identificar 35 registos como sendo técnica mista de água-forte e buril, correspondendo a cerca de 43% da coleção; 24 registos como água-forte, próximo de 30%; 12 registos como buril que correspondem a 15%; e 9 registos que identificamos, com algumas reservas, como imagens obtidas pelo processo de fotogravura que correspondem a 11% da coleção.

Na amostragem da coleção de D. Gabriel de Sousa observamos que a maioria dos registos se encontra em bom estado de conservação (aproximadamente 60%) e só 26% se inserem na categoria de mau estado de conservação.

## SÍNTESE FINAL

Ao fazermos a compilação dos dados e a sua sistematização pudemos caracterizar as oitenta e uma gravuras ou estampas relativamente à sua iconografia, às suas dimensões, ao tipo de suporte, à técnica de impressão utilizada e ao seu estado de conservação. Também nos foi possível fazer corresponder os registos da coleção de D. Gabriel de Sousa com os registos da Biblioteca Nacional de Portugal inventariados por Ernesto Soares. Esta relação entre as duas coleções permitiu verificar e sustentar a nossa conclusão de que D. Gabriel de Sousa aplicou conhecimentos e procedeu à investigação no campo dos registos de santos gravados na reunião da sua coleção definindo-se, assim, como um colecionador e não como um curioso.

Esta coleção também reflete a historiografia da gravura artística em Portugal. Alguns dos exemplares são provas de matriz erudita mas, na sua maioria, podem ser classificadas como gravuras de cariz popular. Esta característica permitia que a sua compra

fosse acessível social e economicamente; fossem rentáveis e de fácil reprodução, por vezes, recorrendo à contrafação cujos exemplos se encontram na mesma imagem invertida simetricamente ou na possibilidade de adicionar no campo da inscrição uma invocação cuja imagem nem sempre corresponde iconograficamente à invocação.

O estudo da coleção de registos de D. Gabriel de Sousa revelou-se, na área dos estudos do património artístico, como um produtivo exercício de inventariação museológica, de classificação de coleção e de estudo de um conjunto de gravuras que era, totalmente, desconhecido. Desta forma consolidaram-se conhecimentos na área da gravura artística; na área das técnicas de gravação e de impressão; e na área antropológica expressas nos registos de santos gravados trazendo à luz mais informações acerca do colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Luís Urbano – «A história recente do colecionismo em Portugal no século XX». *O colecionismo de arte em Portugal no século XX*. Cascais: Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, 21-05-2011.
- BOTELHO, João Alpuim – *Luís Augusto de Oliveira e o Museu de Viana do Castelo*, Cad. Vianenses, 40 (2007), p. 309-330. Disponível em <<http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081028153620.pdf>>. Consulta a 10 mai. 2012.
- CAMPELO, Joana – «Registos de santos em azulejo. Aproximação às fontes gravadas». *Revista das Artes Decorativas*. Porto: Escola das Artes, Universidade Católica. 2 (2008) 171-182.
- CAMPELO, Joana – *Registos de santos em azulejo, (1710-1830): fontes gravadas e distribuição em Lisboa*. Porto: Dissertação de mestrado apresentada à Universidade católica portuguesa, Escola das Artes, 2010 [policopiada].
- CHAVES, Luís – «Arqueologia artística». *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Ethnographico Português. S. 1, vol. 22, n.º 1-12 (1917) 220-237.
- CHAVES, Luís – «Registos de Santos: catalogo, com estudo preambular e notas, da coleção de «registos» de Aníbal Fernandes Tomás, hoje no Museu Etnológico português». Separata d' *O Archeologo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1925.
- CHAVES, Luís – *Subsídios para a história da gravura em Portugal*. [Subsídios para a história da Arte Portuguesa]. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.
- CHAVES, Luís – *Registos de Santos da cidade de Lisboa: registos gravados*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1946.
- FARIA, Miguel – *A imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2005 [policopiada].
- GOULÃO, Maria José – «A representação do sagrado nos 'Registos de Santos'». *Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão* (Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova Lisboa), 1995, p. 312-318.
- INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO (2009), *Normas de Inventário: Espólio Documental: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. [Em linha]. Disponível em In <[http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/Recursos/Publicacoes/Edicoes\\_online/Normas\\_Inventario/NL\\_AP\\_AD\\_E\\_spolio%20Documental.pdf](http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/Recursos/Publicacoes/Edicoes_online/Normas_Inventario/NL_AP_AD_E_spolio%20Documental.pdf)>. Consulta a 19 setembro 2012.
- OLIVEIRA, Isabel Maria Mota de, coord. – *In memoriam de G. Gabriel de Sousa, O.S.B*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2001.
- SANTOS, Elviro dos – *As artes portuguesas no século XIX ou breves considerações sobre o seu estado, causas e remédios do mesmo*. Braga: Tipographia Lusitana, 1882.
- SOARES, Ernesto – *Inventário a Coleção de Registos de Santos*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1995.
- \_\_\_\_ – *História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*. Lisboa: Livraria Samcarlos, 1971.
- SOCIEDADE MARTINS SARMENTO & CASA DE SARMENTO\_ CENTRO DE ESTUDOS DO PATRIMÓNIO – *Francesco Bartolozzi e os seus discípulos*. Guimarães: Sociedade Morais Sarmento, 2004.
- VASCONCELOS, Joaquim de – *A Reforma das Bellas Artes: analyse do relatório e projectos da comissão oficial nomeada em 10 de Novembro de 1875*. Porto: Imp. Literário Comercial, 1877. Disponível em <<http://purl.pt/980>> . Consulta a 13 maio 2011.
- VASCONCELOS, J. Leite – *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1915.